
Caminhos peirceanos para pensar as questões estéticas¹

Gilmar Hermes²

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Resumo

Este artigo aborda as contribuições de Charles Sanders Peirce para a reflexão sobre questões estéticas, explorando suas categorias fenomenológicas e tipos de signos. Peirce relaciona a experiência estética com raciocínios abduativos, inerentes tanto às artes quanto às ciências. Discute-se, nesta análise, de caráter teórico e bibliográfico, os principais aspectos das reflexões estéticas de Peirce, incluindo as categorias fenomenológicas, os tipos de signos e conceitos como abdução, “musement” e agapismo. Situando a estética entre as ciências normativas da arquitetura filosófica de Peirce, estabelece-se reflexões sobre o sentido deste tipo de ação semiótica de forma a determinar um paradigma crítico para futuras análises das semioses de ordem estética.

Palavras-chave: semiótica; estética; abdução; musement; agapismo.

O autor que é o principal representante da vertente da semiótica norte-americana, Charles Sanders Peirce (1839-1914), não é costumeiramente citado nos compêndios que apresentam uma visão histórica e panorâmica da disciplina filosófica da Estética, a exemplo de Vázquez (1999) e Jimenez (1999). No entanto, sua contribuição para a reflexão em torno das questões relativas à sensibilidade é importantíssima, levando a conceber os problemas estéticos como concernentes às formas de pensamento, especialmente quando se trata de algum grau de Primeiridade, conforme as categorias fenomenológicas definidas pelo mesmo autor. Desde a definição da categoria fenomenológica da Primeiridade e dos tipos de signos relacionados a essa categoria em sua gramática especulativa, Peirce relaciona a experiência estética com os raciocínios do tipo abduativo, inerentes tanto às artes como às ciências.

Neste artigo, de caráter teórico e bibliográfico, serão abordados os principais aspectos relativos aos caminhos que Peirce aponta para as diversas reflexões em torno das questões estéticas. Leva-se em conta as noções das categorias fenomenológicas, os tipos de signos relativos à categoria da Primeiridade, os conceitos de abdução, “musement”, agapismo e o lugar da estética entre as ciências normativas, de acordo com a arquitetura filosófica peirceana.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pela Unisinos, professor do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UFPel, e-mail gghermes@yahoo.com.

Nesta revisão e interpretação de conceitos tomam-se como obras basilares a dos autores Peirce (1993) e dois dos seus consagrados intérpretes, Deledalle (1996) e Santaella (1994, 2000). Nas definições das três categorias fenomenológicas, relativas a tudo que pode se manifestar como existente, para qualquer que sejam as mentes, Peirce pressupõe a sensibilidade como a Primeiridade, estando na ordem do possível, com caráter hipotético, mas que pode alcançar algum grau de Secundidade. Quando atinge algum grau de existência, pressupõe relações de alteridade para qualquer que seja a mente, o que constitui a Secundidade. E, ao constituir algum grau de generalidade lógica, como parte de hábitos, regras, concepções ou convenções, comuns a uma diversidade ou coletividade de mentes, alcança a Terceiridade, própria dos símbolos.

Conforme Santaella (1994), “Peirce se deu conta que não há nenhuma forma de pensamento e, conseqüentemente, nenhuma forma de raciocínio que possa se realizar apenas através de símbolos” (Santaella, 1994, p.106). Os símbolos correspondem à Terceiridade e tem como principal exemplo as palavras, marcadas pela convencionalidade no âmbito da cultura. No entanto estes trazem consigo, de acordo com as diversas formas de atualização, semioses da ordem da Primeiridade e Secundidade, o que Peirce elucidou com os diferentes tipos de signos da sua gramática especulativa.

Dentre as três categorias fenomenológicas por Peirce definidas, evidentemente é a Primeiridade que mais interessa do ponto de vista estético. Na sua gramática especulativa, Peirce pressupõe os tipos de signos que manifestam ações mais na Primeiridade, quanto às três partes dos signos, ou seja, ao signo em si mesmo (representamen), seu objeto e o interpretante produzido em alguma mente.

O representamen, quanto ao signo em si mesmo, corresponde à parte do signo que tem um caráter mais estético, pois é aquilo que é dado a ver de forma a produzir ações sígnicas sobre um objeto (real ou imaginário). Ao lado do legi-signo (Terceiridade) e do Sin-Signo (Secundidade) é o quali-signo que tem um maior caráter relativo a fenômenos na Primeiridade ou estéticos.

A princípio, o quali-signo é o tipo de signo que mais expressa a condição da categoria fenomenológica da Primeiridade. Mas tem um caráter paradoxal. Aponta para os aspectos qualitativos das coisas como constituintes dos próprios signos, a exemplo da coloração, consistência, cheiro, lisura, aspereza e da suavidade, mas enquanto sejam meramente tendenciais. Pois, quando essas qualidades ganham concretude na experiência, passam a deter algum grau de Secundidade. Desta forma, os signos que

detêm maior grau de Primeiridade, quanto a si mesmos, e que têm um caráter de observáveis, são os sin-signos icônicos. Quanto ao sin-signo icônico em si mesmo, este já detêm um certo grau de Secundidade, mas, como ícone, está na Primeiridade quanto à sua relação com o objeto, estabelecendo relações de semelhança a partir dos seus aspectos qualitativos.

São os sin-signos icônicos que se manifestam como ocorrências em determinados contextos e são levados em conta sobretudo pela sua manifestação aparente voltada para as diversas formas de sensibilidade. Tendem a produzir interpretantes dinâmicos do tipo emocional e interpretantes finais do tipo remático.

Os ícones são os tipos de signos quanto à sua relação com o seu objeto que se manifestam na Primeiridade. Geralmente são tomados como os tipos de signo com maior caráter estético, mas nem sempre os seus atributos como quali-signos e sin-signos icônicos são levados em conta, tendo-se geralmente em consideração as semioses icônicas que ocorrem no plano simbólico, relativos às generalizações características dos fenômenos na Terceiridade.

A noção de hipo-ícone pressupõe o funcionamento dos ícones, em certos graus de Primeiridade (imagens), Secundidade (diagramas) e Terceiridade (metáforas). As imagens é que teriam o caráter mais estético, pressupondo sobretudo os seus aspectos qualitativos que levam a estabelecer relações de semelhança com os objetos, além de que podem valer por si mesmos, de forma que o signo pode ter um certo grau de degenerescência não levando necessariamente a estabelecer relações triádicas com um objeto de forma a gerar um interpretante.

Quanto ao interpretante final, aquele que é estético por excelência é o rema, na categoria da Primeiridade. E aí se configuraria um tipo de semiose que se manteria sempre na Primeiridade, levando até a questionar-se a importância dos sentimentos estéticos na existência e se eles podem se manter-se continuamente como tal sem configurar fenômenos na Secundidade e Terceiridade. Já quanto ao interpretante dinâmico, que seria a continuidade da ação do signo verificável pela semiose de uma determinada mente, trata-se do interpretante emocional, que se mantém como um signo na Primeiridade.

Estes tipos de signos citados são os que teriam um caráter mais estético. No entanto, conforme a Teoria de Peirce, os aspectos estéticos tendem também a aparecer em outras misturas sîgnicas quanto às relações com o objeto e o interpretante, e nas categorias da Secundidade e da Terceiridade.

É crucial observar que o conceito de quali-signo também pressupõe a concepção da lógica abdutiva, a qual, definida pelo filósofo belga Herman Parret (1997), consiste no cerne da obra de Peirce para pensar as questões estéticas. Inspirado pela obra de Immanuel Kant (1724-1804), Peirce com certeza deu à estética um grau de importância que sucede às reflexões fundadoras de Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) e de Kant, especialmente nas suas analíticas do belo e do sublime, em sua *Crítica do Juízo* (1790). Assim como Kant, Peirce compreendeu as questões estéticas como parte do pensamento e como problematizadoras da racionalidade.

Parret (1997) estabelece relações entre as questões estéticas e as comunicações, distinguindo uma comunicação não-funcionalista em que há expressão da diversidade e do encontro de corpos, em que os aspectos estéticos se tornam relevantes. Percebe a estética como um “jogo infinito”, em que não se busca obter resultados, mas continuar jogando.

[O] paradoxo do jogo infinito é que os jogadores desejam continuar o jogo com os outros. Isso mostra que a cultura toda e, com ela, a arte são jogos infinitos e que é a infinitude dos jogos na comunidade humana que produz a transcendência do social, do verdadeiro social, não o social como instrumento de otimização econômica (PARRET, 1997, 19-20).

“Jogar com os outros” é uma noção que Parret (1997) ao longo do seu livro, relaciona com o imperativo categórico de Kant, estabelecendo a ideia de um “senso comum”, próprio do ideal comunicativo, como algo que é inerente tanto à ética como à estética, especialmente na perspectiva kantiana. Ele ressalta ao longo do texto a importância do “estar junto” como algo próprio da experiência estética, e que a seguir será relacionado neste artigo com a noção peirceana do “agapismo”.

Para Parret (1997), no entanto, a principal contribuição de Peirce para a compreensão da estética está na sua concepção lógica da abdução. Como foi abordado anteriormente neste artigo, quando Peirce trata das categorias fenomenológicas e os tipos de signos, observa as manifestações qualitativas na categoria da Primeiridade, envolvendo sobretudo possibilidades, qualidades que podem vir a se manifestar através de signos. A semiótica peirceana localiza mais propriamente no âmbito estético a produção de novas hipóteses, novas compreensões ou geração de novas ideias. O pensamento abdutivo, segundo Parret (1997), envolve quali-signos e ícones. A sensibilidade para os aspectos qualitativos não se volta somente para o que é dado como existente (Secundidade), mas o que pode existir (abdução).

Para o autor belga, a intuição “sempre dá conta daquilo que há na realidade de único e original, assim como a sua continuidade, sua mobilidade, sua atividade e a contingência do seu futuro. A intuição nos coloca em contato com o individual e o qualitativo” (Parret, 1997, p.84). De acordo com ele, Peirce, em 1891, contrapôs a abdução à indução, como uma “inferência que leva um corpo de dados a uma hipótese explicativa” (Parret, 1997, p.87). Depois desta data, Peirce, segundo esta referência, passa a considerar a abdução como a “lógica da descoberta”.

Nos textos de Peirce, as crenças são definidas como hábitos de ação, e a abdução está relacionada às dúvidas que colocam em questão esses hábitos. Os juízos perceptuais, de forte conotação estética, podem pôr em dúvida saberes estabelecidos através de analogias metafóricas, através de relações de semelhança sensíveis. A “semelhança sensível, interna à metáfora, só pode ser apreendida pela abdução”, observa Parret (1997, p.98). Toda a figuração, ou representação icônica, tem uma possibilidade abdutiva, no tipo de relações de semelhança que possa configurar através dos seus aspectos qualitativos. O autor também relaciona o conceito com o de “imaginação”, em Kant:

A abdução [...] caracteriza o raciocínio que se preocupa com o individual qualitativo. [É] precisamente esse sensível que se oferece à compreensão abdutiva. A Gestalt, a figuratividade desse sensível, só pode ser recuperada pela abdução ou pelo ‘raciocínio imaginativo’. A imaginação, como sabemos desde Kant, é uma faculdade impregnada de sensibilidade e é responsável por uma multidão de funções: o reconhecimento dos conceitos, a produção de representações e suas sínteses, a identificação da consciência como lugar das figuras, a esquematização das figuras, a criatividade [...] dos simbolismos. É sem dúvida a imaginação que caracteriza a razão enquanto responde pelos juízos estéticos, como Kant demonstrou em sua Crítica do Juízo. (Parret, 1997, p.100).

Ao relacionar a faculdade da imaginação com o raciocínio de abdução, Parret indica que toda a apreensão sensível está marcada primeiramente pelo seu caráter abdutivo. Na perspectiva da semiótica peirceana, uma tentativa de aproximação aos aspectos mais qualitativos de qualquer texto ou fenômeno, com uma análise quase em termos de quali-signos (que é somente almejada, mas impossível), pode elucidar também a compreensão abdutiva dos signos.

Parret (1997) enfatiza como a questão da iconicidade, a problematização dos aspectos qualitativos e as relações de semelhança contribuem para uma melhor compreensão do tipo de raciocínio característico da estética, a abdução:

[A] abdução exprime as qualidades icônicas da semiose através do raciocínio imaginativo e é dessa forma que a abdução é uma resposta primordial e espontânea do homem à semiose ou à vida do sentido que se impõe iconicamente a ele. A lógica da abdução depende da estética do ícone, e é mera extensão da

semiótica de Peirce dizer que a compreensão abductiva nada mais é do que nossa sensibilidade para os ícones que nos cercam e nos forçam a raciocinar com imaginação (Parret, 1997, p.101).

Desta forma, fica evidente como o ícone, um tipo de signo marcado por ser uma manifestação fenomenológica da Primeiridade, enfatiza a caracterização do sentimento estético e os tipos de raciocínios que têm um caráter mais próximos dessa sensibilização. O conceito de abdução contribui sobretudo para a compreensão dos aspectos estéticos como produtores de semioses que interferem na nossa faculdade da imaginação e que podem levar a compreensões ou ideias novas.

Há na obra de Peirce, no entanto, outra definição que pode dar lugar a uma maior liberdade de pensamento, que pode ter um vínculo mais estreito com a arte, que vem a ser o conceito de “musement”, ainda pouco tratado na literatura sobre a teoria semiótica de Peirce no Brasil. Há uma certa proximidade entre os conceitos de “abdução” e “musement”, embora o primeiro possa estar muito mais próximo da lógica, e o segundo muito mais avançado em direção à estética.

Peirce abordou a definição de “musement” (palavra inglesa traduzida livremente como “devaneio reflexivo”), no texto “A Neglected Argument for the Reality of God” (Peirce, 1908/2025). Nessa obra, apresenta sua teoria dos “três universos da experiência”, compreendendo a experiência como um “efeito consciente brutalmente produzido que contribui para um hábito autocontrolado e, após deliberação, tão satisfatório que não pode ser destruído por nenhum exercício positivo de vigor interno”³ (Peirce, 1908/2025, cap. 22). O primeiro universo da experiência refere-se a ideias puras, como aquelas produzidas por poetas ou matemáticos. O segundo universo relaciona-se com coisas e fatos. Já o terceiro universo abrange tudo aquilo cujo ser consiste em uma potência ativa para estabelecer conexões entre diferentes objetos, especialmente entre objetos pertencentes a diferentes universos (Peirce, 1908/2025, caps. 35–36). Para Peirce, esse terceiro universo representa a alma do signo, manifestando seu poder de crescimento.

Segundo Elizabeth F. Cooke (2019/2025), há um caráter teleológico na concepção peirceana do signo. No entanto, a autora destaca que, além da continuidade inerente à semiose, há uma instância subjetiva que “parece fundamentar-se em um processo de pensamento marcadamente antiteleológico”⁴ (Cooke, 2019/2025, p. 2). Peirce desenvolve

³ Tradução livre do original: “a brutally produced conscious effect that contributes to a habit, self-controlled, yet so satisfying, on deliberation, as to be destructible by no positive exercise of internal vigor”.

⁴ Tradução livre do original: “appears to be grounded in a most unteleological thought process”.

o conceito de “Pure Play” (Jogo Puro), descrito como “um exercício vívido das próprias faculdades. O Jogo Puro não possui regras, exceto a própria lei da liberdade. Sopra onde quer. Não tem propósito, exceto o da recreação”⁵ (Peirce, 1908/2025, cap. 50). Neste trecho, o autor enfatiza o exercício da liberdade de pensamento e expressão, aspecto frequentemente associado à atividade artística.

Cooke (2019/2025) atribui o desenvolvimento do conceito de “Pure Play” à leitura, por parte de Peirce, da obra de Friedrich Schiller, “A Educação Estética do Homem” (1795), na qual se apresenta a teoria do jogo estético. Peirce teria encontrado nessa obra o conceito de *Spieltrieb* (pulsão lúdica). Conforme Jimenez (1999), para Schiller, o progresso dos indivíduos e da humanidade é possível porque “a natureza humana não se reduz ao antagonismo entre a pulsão sensível e a pulsão formal, entre as sensações e a razão”. A pulsão lúdica ou pulsão do jogo intervém para que o ser humano não se entregue à pulsão sensível, sendo prisioneiro de “sua natureza, de suas necessidades físicas”, ou para que não esteja sob “o jugo exclusivo da pulsão formal”, sendo “vítima de seu poder legislador, abstrato e desencarnado” (Jimenez, 1999, p.158-159). Conforme Cooke (2029/2025), Peirce adaptou esta noção à sua teoria da investigação, rebatizando-a de “musement” — em referência à Musa grega — para evidenciar a dimensão poética e inspiradora do jogo puro.

A maior dificuldade em relação ao conceito de “musement” reside em sua característica de “inutilidade”, de forma semelhante à concepção estética kantiana do “belo” como um sentimento desprovido de finalidade prática. Cooke (2019/2025) entende esse tipo de pensamento próximo ao raciocínio abduutivo, mas ressalta a existência de uma instância de maior liberdade, na qual é possível “notar novos signos, anomalias, problemas e questões, permitindo a formulação de hipóteses originais ao especular sobre essas novas percepções”⁶ (Cooke, 2019/2025, p. 2). O “musement”, assim, consiste em abrir-se radicalmente a novos problemas e anomalias, bem como a novas hipóteses explicativas.

Parret (1997) pressupõe a estética, tendo como principal referência Kant, como algo que se produz coletivamente, tendo as obras de arte, a exemplo da música, como

⁵ Tradução livre do original: “is a lively exercise of one’s powers. Pure Play has no rules, except this very law of liberty. It bloweth where it listeth. It has no purpose, unless recreation”.

⁶ Tradução livre do original: “Peirce holds onto this notion of play and develops it in relation to his theory of inquiry, but renames Schiller’s *Spieltrieb* ‘musement’ after the Greek ‘Muse,’ thereby capturing pure play’s poetic dimension of inspiration”.

algo que estabelece um vínculo. Estar com os outros e compartilhar de uma experiência de comunicação tem um caráter estético. Neste sentido pode ser evocado a noção de “agapismo”.

Conforme Deledalle (1996), na metafísica de Peirce, junto à compreensão inerente à teoria do “tiquismo”, correspondente ao acaso das descobertas inexatas e parciais na Primeiridade, está o “agapismo”, em que Peirce concebe que todas as regularidades da natureza e do espírito são consideradas como produto do crescimento ou evolução submetidos à lei do amor, o que consequentemente leva ao “sinequismo”, marcado pelas continuidades e generalidades lógicas. O “agapismo” corresponde à Secundidade, mas, em termos estéticos, tendo em conta as observações de Parret (1997), pressupõe o interesse comum que se volta para determinados objetos.

Segundo o pesquisador Andre Luis Scutieri dos Santos (2023), na sua tese “Comunidades Digitais e Amor Evolutivo: Permanência e Aumento da Razoabilidade Concreta na Comunidade Otaku do Brasil”, uma comunidade pode construir uma ambiência movida pelo amor evolutivo ou agapismo, e tende a contribuir para o aumento da razoabilidade. Em seu estudo, tem em vista o crescimento do grupo de fãs da cultura popular japonesa em todo o Brasil.

Santos (2023) investiga o conceito de “comunidade” na obra de Peirce, estabelecendo uma relação com as ciências normativas na arquitetura filosófica de Peirce. Haveria três tipos de comunidade, a “estética”, a “ética” e a “lógica”. Segundo o autor, o agapismo é “o elemento que desencadeia e estabiliza relações entre os integrantes da comunidade, contribuindo para a manutenção da mesma” (Santos, 2023, p. 50).

A “comunidade”, na compreensão peirceana, tem inicialmente uma função lógica, já que ela cria a “realidade”, e a “realidade” é o fundamento das futuras cognições do ser humano, pois “a existência de pensamento agora depende do que será no futuro, de forma que ele só tem uma existência potencial, dependente do pensamento futuro da comunidade” (Peirce in Santos, p. 66-67).

A “verdade” só poderia ser alcançada em uma certa comunidade, mas no decorrer do desenvolvimento da obra de Peirce a “comunidade”, no sentido lógico, passa a ser considerada como um ponto de partida e de referência crítica. Do ponto de vista falibilista, toda crença está sujeita à dúvida, o que pressupõe o pensamento abduutivo, muito ligado à Primeiridade e ao caráter estético.

A comunidade está conectada ao raciocínio, desde sua primitiva concepção de comunidade de concordância. A lógica está atada a ela, e é a comunidade que torna a lógica possível. Entretanto, como visto anteriormente, Peirce apoiou sua lógica em outras duas ciências: a ética e a estética. Parece-nos razoável então que a comunidade espelhe essa tríade sendo dividida em três partes interconectadas: uma comunidade lógica, que depende de uma comunidade ética, que depende de uma comunidade estética, que se apoia diretamente sobre as leis universais na forma que elas se apresentam aos sentidos (Santos, 2023, p.113).

Para compreender o que autor define como “comunidade estética”, contraposta às comunidades “ética” e “lógica”, vale retomar aqui a arquitetura filosófica de Peirce, que baseia a definição das ciências normativas na lógica das três categorias fenomenológicas. O filósofo compreende as ciências normativas cercadas pela Fenomenologia, que trata de como a realidade apareceria para a consciência, e a Metafísica, quanto ao que seria a realidade em si. Em meio à Fenomenologia e a Metafísica, as ciências normativas (estética, ética e lógica ou semiótica) prescrevem normas, princípios ou padrões. “As ciências normativas são assim chamadas porque estão voltadas para a compreensão dos fins, das normas e ideais que regem o sentimento [estética], a conduta [ética] e o pensamento [lógica] humanos” (Santaella, 1994, p.113).

Santaella (1994) observa que posteriormente ao seu texto “Como tornar claras as nossas ideias” (Peirce, 1993), o filósofo notou que as ações resultantes das crenças correspondem a propósitos de pensamento. “Consciência para Peirce, pode significar qualquer uma das três categorias: 1. sentimento, indefinição, o caos do acaso; 2. ação, surpresa, luta; 3. pensamento, inteligência aprendizagem. Mas, se ela for significar pensamento, este está muito mais fora de nós do que dentro. Somos nós que estamos no pensamento, e não ele em nós” (Santaella, 1994, p.118). Desta forma, a consciência se manifesta em relação a uma coletividade e com esta coletividade, tendo graus de ordem estética, ética e lógica.

O agapismo, mencionado anteriormente, está intimamente associado com o fato de que o pragmatismo busca os fins, ou seja, tem um propósito. “Esse fim, ou aquilo que é o bem humano supremo, consiste num processo de evolução no qual os existentes crescentemente vão dando corpo aos ideais que são reconhecidos como razoáveis” (Santaella, 1994, p.118).

[Ao] recusar que a finalidade do pragmatismo fosse apenas a de servir a finalidades individuais, que acabam sempre por se deteriorar em fins individualistas, enfatizando o papel do autocontrole no pensamento lógico, Peirce postulou que a ética é o alicerce da lógica. Um ano mais tarde, viria postular que a ética, por sua vez, esta alicerçada na estética e que e que a esta cabe a descoberta do ideal supremo, *summum bonum* da vida humana (Santaella, 1994, p.119).

Para Peirce, o problema da estética seria “determinar por análise o que é que se deve deliberadamente admirar *per se*, em si mesmo, independentemente daquilo a que se é conduzido e independente das suas aplicações sobre a conduta humana” (Santaella, 1994, p.125). A autora define o *summum bonum* como o ideal dos ideais, “que não precisa de nenhuma justificativa ou explicação” (Santaella, 1994, p.126).

Há os ideais da lógica e os ideais da ética, quanto à estética tudo indica que os ideais têm um caráter próprio do pensamento abdutivo, aberto às descobertas e as novas visões de mundo. Também pode-se considerar o “musement”, a liberdade absoluta própria da divagação.

[No entanto, estando] ligadas aos fins, [a estética] deve [...] falar aos propósitos humanos, a palavra ‘humanos’ significando pertencente à comunidade da espécie humana, do que decorre que esses fins não podem ser egoístas, capazes de satisfazer apenas os desejos de qualquer indivíduo particular, mas devem ser universalmente desejáveis (Santaella, 1994, p.128).

Com esta observação de Santaella (1994), confirma-se o propósito comunicativo dos eventos estéticos, tal como é proposto por Parret (1997), inspirado em Kant. Desde as categorias fenomenológicas, tipos de signos na Primeiridade, o caráter icônico da abdução, o caráter de Secundidade do “agapismo”, mas como o “estar junto” da experiência estética, e o propósito estético como algo que joga com os pares conceituais sensibilidade/razão e individualidade/comunidade, pode-se vislumbrar alguns caminhos para a reflexão estética a partir da teoria de Peirce.

Referências

- COOKE, Elizabeth F. **Peirce on Musement: The Limits of Purpose and the Importance of Noticing**. 2019. Disponível em: [<https://scispace.com/papers/peirce-on-musement-the-limits-of-purpose-and-the-importance-2w37gsqkqt>]. Acesso em: 6 jun. 2025.
- DELEDALLE, Gérard. **Leer a Peirce Hoy**. Barcelona: Gedisa, 1996.
- HERMES, Gilmar. **Teorias Semióticas em uma Perspectiva Estética**. Curitiba: CRV, 2013.
- PARRET, Herman. **A Estética da Comunicação: Além da Pragmática**. Campinas: Unicamp, 1997.
- JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- KANT, Immanuel. **Textos Selecionados**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2021.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- PEIRCE, Charles S. **A Neglected Argument for the Reality of God** (1908) [e-book]. Disponível em: [<https://www.amazon.com/Neglected-Argument-Reality-God-ebook/dp/B0CQP9K6GD>]. Acesso em: 6 jun. 2025.
- SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Pioneira, 2000.
- SANTAELLA, Lucia. **Estética de Platão a Peirce**. São Paulo: Experimento, 1994.
- SANTOS, Andre Luis Scutieri. **Comunidades Digitais e Amor Evolutivo**. 2023. 186 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2023.
- VÁZQUEZ, A. Sánchez. **Convite à estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.